

A Antiliteratura de Augusto de Campos: Passagens entre Linguagens e Mídias

Augusto de Campos's Anti-Literature: Passages Between Languages and Media

Adam Joseph Shellhorse

Temple University, Philadelphia, Pennsylvania, United States of America

Resumo: Este ensaio examina a recepção, trajetória, filosofia e as dimensões estéticas da poética do renomado escritor brasileiro Augusto de Campos dos anos 1950 até o presente. Na contramão das leituras que reduzem Campos ao concretismo, mostro como sua poesia é melhor enquadrada por seu compromisso com a radicalização permanente da linguagem. É o que chamo de abertura “pós-concreta” de Campos para outras artes, poetas e meios de comunicação de massa. Ilustro como a obra de Campos, desde a década de 1960, se caracteriza pelos seguintes motivos: sua ênfase no status liminar, antiliterário da poesia e sua não-conciliação com o campo literário; sua construção de novos protótipos poéticos; seu empenho em conduzir a poesia a um espaço intermédio, interdisciplinar, fundindo o verbal com o não-verbal; sua fidelidade à sintaxe gráfica, não-discursiva, analógica e isomórfica do concretismo; e seu esforço de recuperar e reinventar práticas poéticas e artísticas experimentais do passado, de Arnaut Daniel a Stéphane Mallarmé, Ezra Pound, Oswald de Andrade, Vladimir Mayakovsky, James Joyce, E.E. Cummings, Anton Webern, Marcel Duchamp, John Cage e Emily Dickinson. Considero quatro tensões fundamentais em jogo em Campos: entre poética e política, concretismo e outras artes, tradução e criação, e o compromisso de Campos de enfrentar o “risco” da poesia, ou seja, sua aventura nos espaços não-poéticos da era digital e tecnológica. Concluo com uma avaliação da concepção de Campos do poema como um agenciamento polifônico que combina diversos sistemas de signos — da propaganda, pop e YouTube à música de vanguarda, poesia e pintura. Através da apropriação antiliterária da mídia, o poema renova a fala, a linguagem e a arte propriamente dita para tornar a humanidade mais consciente do ambiente sensorial e político total em que está imersa.

Palavras-chave: Augusto de Campos; Antiliteratura; Poesia Concreta; Antropofagia; Poesia Intersemiótica; Poesia Brasileira

Abstract: This essay examines the scholarly reception, trajectory, philosophy, and aesthetic dimensions of renowned Brazilian writer Augusto de Campos's poetics from the 1950s to the present. Against the grain of scholarly accounts that reduce Campos to concretism, I show how his poetry is better framed by its commitment to the permanent radicalization of language. This is what I call Campos's “post-concrete” opening to other arts, poets, and to the mass media. I illustrate how since the 1960s Campos's work



is characterized by the following motifs: its emphasis on poetry's liminal, anti-literary status and non-conciliation with the literary field; its construction of novel poetic prototypes; its endeavor to lead poetry to an in-between, interdisciplinary space, fusing the verbal with the nonverbal; its fidelity to concretism's graphic, non-discursive, analogical, and isomorphic syntax; and its endeavor to recuperate and reinvent experimental poetic and artistic practices of the past, from Arnaut Daniel to Stéphane Mallarmé, Ezra Pound, Oswald de Andrade, Vladimir Mayakovsky, James Joyce, E.E. Cummings, Anton Webern, Marcel Duchamp, John Cage, and Emily Dickinson. I consider four fundamental tensions at stake in Campos: between poetics and politics, concretism and the other arts, translation and creation, and Campos's commitment to facing poetry's "risk", that is, its venture into the nonpoetic spaces of the digital, technological age. I conclude with an assessment of Campos's understanding of the poem as a polyphonic assemblage that combines diverse systems of signs—from propaganda, pop, and YouTube to avant-garde music, poetry, and painting. Through the anti-literary appropriation of media, the poem new-mints speech, language, and art proper so as to make humanity more aware of the total sensory and political environment into which it is immersed.

Keywords: Augusto de Campos; Anti-Literature; Concrete Poetry; Anthropophagy; Intersemiotic Poetry; Brazilian Poetry

Augusto de Campos é um poeta seminal dos séculos XX e XXI. Inspirado pelo ditado de Ezra Pound de “torná-lo novo” e a afirmação de Marshall McLuhan de que “o meio é a mensagem”, Campos ao longo de sua carreira tem criado poemas em consonância com a sintaxe das novas mídias, desafiando a prática e a teoria da poesia tradicional.¹ No ensaio “Arte e tecnologia” (2015), Campos compara o poeta a um guerrilheiro insurgente que sabota as representações *readymade*, a propaganda, os estilos literários e a esclerose da mídia e da linguagem. O poeta se torna um designer de linguagem, um poeta antiliterário. De acordo com Campos, a tarefa do poeta não é se tornar um fóssil antologizado do regime literário, mas sim a invenção de novos processos intersemióticos que mesclam o verbal e o não verbal. Campos concebe o poema como um agenciamento polifônico que combina diversos sistemas de signos — da propaganda, pop e YouTube à música de vanguarda, poesia e pintura. Utilizando uma multiplicidade de mídias para forjar novas técnicas que exploram as dimensões verbal, vocal e visual da palavra poética, e rejeitando a tradição lírica da expressividade subjetiva por uma abordagem minimalista, a obra

¹ Este texto foi tomado do meu ensaio mais longo, “Augusto de Campos” (2019), agora revisado, em *Dictionary of Literary Biography: Twenty-First Century Brazilian Writers*. Volume 384. Eds. Monica Rector and Robert Anderson. Detroit: Gale, 2019. 69-80. Meus agradecimentos a Bárbara Simões Daibert pela sua ajuda inestimável com a revisão.

multiforme de Campos é antiliterária porque produz, com cada nova composição, processos poéticos heterogêneos que desafiam o que se entende convencionalmente por poesia (Shellhorse, *Anti-Literature* 166). Por meio da apropriação antiliterária das mídias, o poema reinventa o discurso, a linguagem e a arte propriamente dita para tornar a humanidade mais consciente do ambiente sensorial e político total em que está imersa.

A partir da década de 1950, a obra de Campos se organiza em torno de um compromisso com a radicalidade do concretismo, as heranças da vanguarda e as formas de ruptura geral. Para Campos, poemas são palavras-coisas visuais no espaço-tempo que refletem e intensificam as dimensões verbais, vocais e visuais inerentes à palavra. Essa abordagem é a base do concretismo brasileiro e da concepção do poeta como inventor de novos processos semióticos. Para qualquer poema experimental, o leitor/espectador pode considerar quais são os regimes de signos com os quais ele dialoga. Campos, ao lado dos companheiros do Grupo Noigandres, Décio Pignatari e Haroldo de Campos, é responsável por criar uma nova tipologia do texto para delinear a densidade e potência semiótica da palavra poética — sua força “verbivocovisual” — e o potencial do poema para combinar, ou formar um diálogo estrutural, com diferentes mídias.

A principal produção poética de Campos está contida em *VIVA VAIA: Poesia 1949-1979* (1979), *Expoemas* (1985), *Despoesia* (1994), *Não* (2003), *Outro* (2015), bem como em *Poemóviles* (1974), *Caixa Preta* (1975) e *Poesia é risco* (1995). Os três últimos são projetos colaborativos compostos por objetos-poemas com Julio Plaza, e um CD contendo interpretações musicalizadas experimentais da poesia de Campos e traduções-arte com seu filho, Cid Campos. Comprometida com a radicalização permanente da linguagem, desde a década de 1960 até o presente, a poesia de Campos é caracterizada pelos seguintes motivos: a ênfase no status liminal e antiliterário da poesia e sua não conciliação com o campo literário, sua construção e busca de novos protótipos poéticos (cada poema procura ser “uma mínima coisa nova” (Campos, *Não* 11), o seu empenho em conduzir a poesia a um espaço intermédio, interdisciplinar, fundindo o verbal com o não verbal, e a sua fidelidade à sintaxe gráfica, não-discursiva, analógica e isomórfica, bem como seu esforço de recuperar e reinventar práticas poéticas e artísticas experimentais do passado, de Arnaut Daniel a Stéphane Mallarmé, Ezra Pound, Oswald de Andrade, Vladímir Maiakóvski, James Joyce, E.E. Cummings, Anton Webern, Marcel Duchamp, John Cage e Emily Dickinson.

Caracterizada pela mutação incessante e pelo enfrentamento da crise que as novas mídias exercem sobre o status da poesia, a fase pós-concreta de Campos é marcada por

uma abertura antropofágica ao outro da poesia, à não-poesia, ao diálogo com outras artes e poetas, e aos meios de comunicação de massa. No entanto, como Campos reconhece em *Despoesia* (1994), no contexto de uma sociedade dominada pelo boom digital que ignora o ofício, o status da poesia é quase incerto. Seu compromisso com o “risco” da poesia é assim intensificado na sua fase pós-concreta, e seus livros utilizam uma multiplicidade de formatos, linguagens e materiais que desafiam os hábitos do leitor. Mesmo quando o verso retorna, os formatos espiral, caleidoscópico, multimedial e auto-reflexivo interrompem a sintaxe discursiva linear.

Figura 1 - sem saída” (2000), de Augusto de Campos



Fonte: *Não: Poemas* (2003). Cortesia de Augusto de Campos.

Em *Despoesia*, Campos escreve que seus poemas vivem do conflito entre falar e calar: “cada poema é como se fosse o último e ressoa, inevitavelmente, o fracassucesso desse conflito. [É] que nós, poetas, contradizendo o filósofo, insistimos em querer falar

ali onde a razão lógica incitaria a calar ante a impossibilidade do dizer”. Desenvolver a poesia onde é impossível falar, assumir a crise da poesia e estabelecer um diálogo entre linguagens, como demonstra o “sem saída” (2000) de Campos, é o lugar onde uma nova poesia pode emergir. À medida que cada elemento do clip-poema de Campos torna-se ativo e autorreflexivo, ele aumenta a potência verbivocovisual do poema. A interação e a animação dependem da manipulação do mouse do leitor. Uma luva é lançada: não haverá compromisso, nenhum baixar a guarda. Contra a lógica linear, a identidade e a representação, o leitor deve focar e manipular cada dimensão expressiva para aprender a ler de novo. Texto-crise que leva a poesia ao limite, o “sem saída” de Campos expõe o percurso da sua poesia — depois do verso, fiel ao legado do concretismo e incansável na busca de novos processos poéticos — como uma revolução perpétua entre linguagens e mídias.

Referências

CAMPOS, Augusto de. “Arte e Tecnologia.” **Poesia Antipoesia Antropofagia & Cia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 296-312.

CAMPOS, Augusto de. **Despoesia: 1979–1993.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1994.

CAMPOS, Augusto de. “NÃOfácio.” **Não: Poemas.** São Paulo, Brazil: Editora Perspectiva, 2003. 11.

CAMPOS, Augusto de. “sem saída.” **Não: Poemas.** São Paulo, Brazil: Editora Perspectiva, 2003. 124/contracapa.

Shellhorse, Adam Joseph. **Anti-Literature: The Politics and Limits of Representation in Modern Brazil and Argentina.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2017.

Recebido em: 22 de setembro de 2021

Aceito em: 01 de dezembro de 2021

Publicado em dezembro de 2021